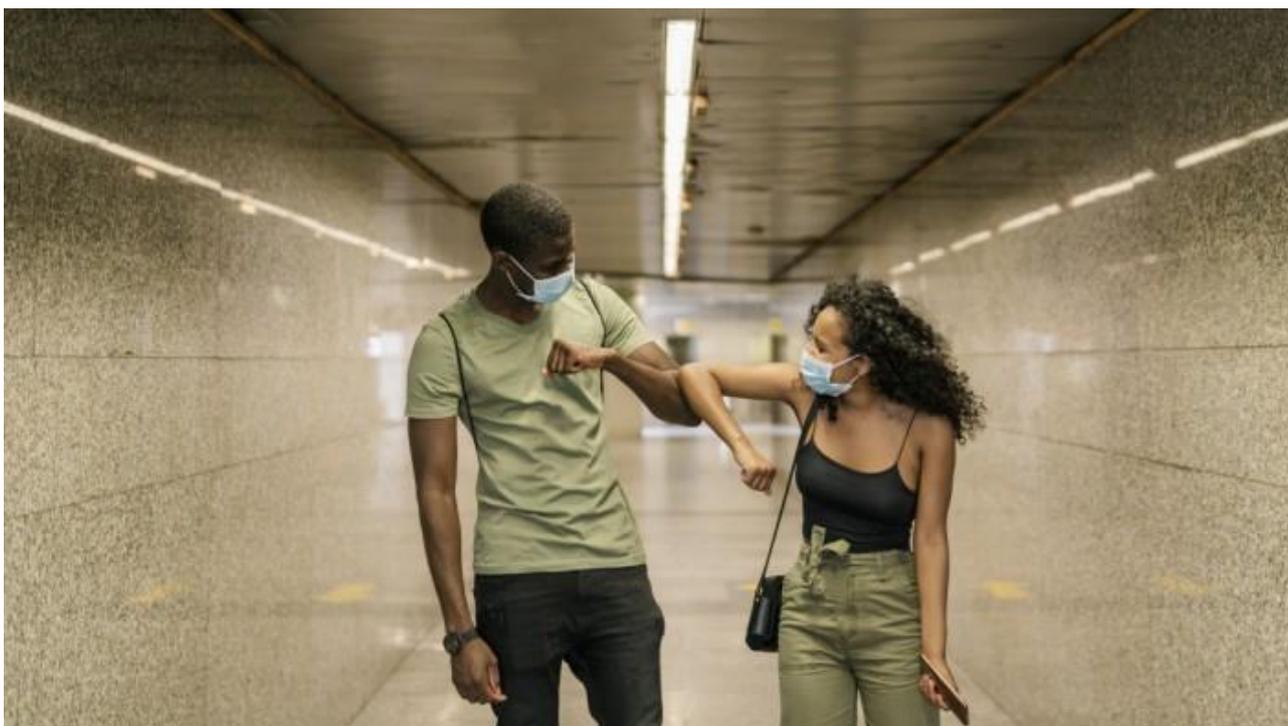


## As novas regras de etiqueta



Cumprimentarmo-nos com um abraço ou até um beijinho? Por amor de Deus! O bizarro toque de cotovelo é o ritual do momento.

(Foto: imago stock/imago images/Westend61)

**Muitos comportamentos que, antes do corona, teriam sido mal-educados ou simplesmente bizarros, foram entretanto totalmente aceites pela sociedade. Dez exemplos de uma nova forma de convivência.**

*Por autores do SZ*

### **O jantar no *smartphone***

Quando vemos casais a jantar juntos e que, ao mesmo tempo, estão minutos a fio de olhos postos no ecrã dos seus *smartphones*, o prognóstico é evidente: não vai durar muito. Sobretudo se este olhar fixo acontecer num belíssimo restaurante — os clientes deveriam estar agora a mergulhar na ementa e a analisar os pratos, em plena expectativa de uma experiência gastronómica. Que aconteceu agora com este ritual? Continua a haver ementas em tempo de corona, mas algumas estão enfiadas em capas de plástico laváveis, o que não é lá muito romântico. E cada vez mais estabelecimentos apostam entretanto integralmente na gestão digital: basta ler o código QR e a ementa aparece, isenta de vírus, no ecrã do telemóvel. É o que acontece no *Grill Royal*, em Berlim, onde se continua a apostar mais nos efeitos do que noutros sítios — o que importa mesmo é que a maminha *Wagyu* esteja marmoreada no ponto. É bastante prática a nova etiqueta em torno das ementas, mas também algo insossa. Ansiamos já por poder voltar a folhear ruidosamente as ementas dos restaurantes. *Christian Mayer*

### **Finalmente, ao meio**

As escadas rolantes mantêm cidades inteiras em movimento. Engolem incessantemente as pessoas para o subsolo para depois, meia dúzia de quilómetros mais à frente, as atirarem novamente cá para fora. Torna-se necessariamente difícil encontrar um pequeno espacinho para lá andar. Qualquer pessoa que já tenha tentado responder a uma mensagem de *Whatsapp* numa escada do Karstadt ou arrastar compras volumosas para as profundezas da Karlsplatz em Munique sabe como são mortais os olhares de toda

aquela gente apressada. «Parar à direita, avançar à esquerda!» é o primeiro mandamento de eficiência do decálogo das escadas rolantes alemãs. Tanto quanto possível tão colados uns aos outros que sentimos no pescoço o bafo quente da pessoa mesmo atrás de nós. Esta lei inverteu-se desde que encaramos os armazéns comerciais e os transportes públicos como potenciais focos de contágio. Agora, muitas pessoas vão simplesmente paradas no meio das escadas (com um degrau de intervalo, é claro), para que ninguém tenha a ideia de ultrapassar e violar as regras de distanciamento. Mas alguns ainda se encolhem e tentam passar. Se os olhares atrás das máscaras pudessem matar, o apressado seria vítima certa. *Marten Rolff*

### **A máscara musculada**

A zona superior dos braços é uma das poucas partes do corpo que ainda não tinham sido alvo da permanente atenção dos acessórios de moda. Por outras palavras — até agora, estavam apazivelmente livres de qualquer importância, se exceptuarmos a meia dúzia que ostentava a braçadeira de capitão de equipa ou o sinal de luto. Com o uso obrigatório das máscaras, este cenário acaba de mudar. Sempre que passeamos na cidade, não só temos de as ter sempre prontas a usar como, por outro lado, o elástico ajusta-se na perfeição ao bíceps — e é por isso que, sobretudo os homens, gostam agora de a usar precisamente aí. Muito bem, ficamos com as mãos livres e não perdemos assim tão facilmente a nossa cobertura de rosto. Mas a imagem global da pessoa padece um pouco, já que, à primeira vista, é como se a pessoa se tivesse esquecido de tirar as braçadeiras de natação. E, de certo modo, uma braçadeira no braço de civis tem um certo e desagradável sabor a uma milícia nazi. Mas não importa, é com certeza melhor do que esconder a máscara entre a segunda e a terceira queixada. *Max Scharnigg*

### **Cumprimentos**

Dá um passou-bem ao tio! As crianças nunca mais terão de ouvir esta frase. Não é assim tão mau se pensarmos na quantidade de vezes que o aperto de mão era perfeitamente prescindível (por ser demasiado superficial ou pomposo ou simplesmente nojento). Para colmatar esta lacuna, gostamos agora de bater com os cotovelos. Apesar de já estarmos em Agosto, continua a parecer desajeitado quando vemos adultos a adejar o braço torcido no ar por nem todos terem a mesma facilidade em acertar na extremidade mais pontiaguda. A alternativa do «toque de pé» é ainda mais triste, já que sentimos como se estivéssemos na primeira aula de *hip-hop* na escola de dança. Um sorriso simpático, mesmo atrás da máscara, é perfeitamente suficiente. Mas a nova distância reclamou uma outra vítima no que toca à arte de cumprimentar: os beijinhos na cara. O sem-fim de beijocas que só raramente tinham alguma coisa que ver com uma alegria sincera no reencontro terá de esperar até ordem em contrário. Também não é grave. A grande lacuna é só mesmo não poder abraçar um bom amigo. E é praticamente impossível colmatá-la. *Julia Rothhaas*

### **Fala! Aos! Gritos!**

Há gente tagarela e gente calada. Uma pessoa do tipo reservado que prefere não bradar aos céus tudo e mais alguma coisa tem muitas vezes a vida mais difícil do que o fala-barato. O empregado de mesa não repara na sua presença, nunca consegue tomar a palavra em reuniões e não consegue jamais um aumento salarial. Para isso, seria preciso abrir a boca. Agora, é mais difícil ainda, já que a boca está quase sempre tapada por um pedaço de tecido, pelo menos nos espaços públicos. A máscara praticamente impossibilita que os murmuradores introvertidos se expressem de forma que sejam compreendidos. Agora têm de falar m-a-i-s a-l-t-o e m-a-i-s c-l-a-r-a-m-e-n-te para conseguirem fazer chegar seja o que for ao parceiro de conversa que está a pelo menos metro e meio de distância. Basicamente tão alto e tão claramente como se estivessem estivéssemos a falar com o avô surdo ou com um cão de compreensão lenta. É cansativo e pouco dignificante para todos os envolvidos, mas gritar ajuda — e um treino em oratória para os períodos sem máscara também. *Titus Arnu*

## O revivalismo do plástico

Que a pandemia não teria efeitos positivos na quantidade de lixo de plástico produzido diariamente, isso foi algo que percebemos logo em Março, quando os restaurantes fecharam e muitos clientes, por um lado por solidariedade, mas sobretudo por fome, começaram a levar o *butter chicken* para casa em caixas de esferovite. A quantidade de resíduos de embalagens aumentou dez por cento. Agora, no Verão, a reabilitação dos utensílios de plástico pela sociedade deu mais um passo em frente, quando em festas de pequena e média dimensão se redescobriram os copos descartáveis. Antes, os copos de plástico brancos já só eram aceitáveis, no máximo, em festas de crianças junto à pista de *bowling*, mas agora até servem para beber *Prosecco*, como se estivéssemos em 1993. Porquê? Porque se pode escrever o nome com uma caneta de feltro e ninguém poderá beber do copo errado por engano. Um brinde às mudanças climáticas! *Katharina Riehl*

## Ir às compras com a bolsa de carteiro

Feia, disforme, gigantesca — quem teria pensado que estes atributos descreveriam exactamente a bolsa perfeita? Em vez de sacos de juta ou mini-mochilas, desde o início da crise do coronavírus parece que só as bolsas de carteiro saem às compras, um trambolho às listras pretas e brancas de sisal rugoso que a compradora do supermercado balança a tiracolo e que lhe verga as costas. Uma vez lançada graciosamente sobre os ombros, é em corredores estreitos e nas filas de espera que nos revela o seu superpoder: manter à distância as pessoas para quem, ao que parece, o coronavírus é coisa que não existe. Aquelas de que tantas vezes vemos a ponta do nariz a espreitar para fora da máscara. E com as quais não vale a pena discutir. É que muitas reagem ao pedido, mesmo que educado, como se tivéssemos exigido que abandonassem um filho no balcão dos queijos ou que comessem um saco de velinhas de chá. As bolsas de carteiro evitam, em parte, estes confrontos. Do ponto de vista da moda e da ortopedia poderá esta bolsa ser questionável, mas como escudo de protecção não verbal torna mais simpático o quotidiano de todos. *Nina Himmer*

## Silêncio no elevador

Ficar demasiado próximo dos companheiros de viagem, desembulhar a sanduíche, dirigir o olhar inseguro para o chão ou até falar ao telefone — mesmo antes da era do coronavírus era sempre possível fazer alguma coisa errada no elevador. Contudo, entretanto, a conduta correcta no elevador foi complementada com uma pergunta decisiva: «Posso entrar?». Quem não fizer esta pergunta expõe-se como um ignorante insensível. O mesmo para quem não usa máscara no elevador. Também já não está em voga carregar no botão do andar directamente com o dedo. Alguns elevadores disponibilizam agora recipientes com palitos dos dentes, engenheiros engendram minuciosamente botões accionados com o pé e hologramas. Contudo, a melhor nova regra de conduta entra em acção quando as portas se fecham. Já não é preciso tagarelar sobre o tempo nem aguentar uma conversa tensa com o chefe. A nova boa educação virológica dita: boca fechada. *Ann-Kathrin Eckardt*

## No saquinho de esmolos

Guardar dinheiro não foi assim tão difícil durante as semanas críticas da crise do coronavírus. Não se podia sair, as compras de conforto são um *stress* e em dada altura o *stock* doméstico de luvas descartáveis e gel desinfectante alcançou um tal patamar reconfortante que não havia necessidade de juntar ainda mais reservas de segurança. Em suma, o dinheiro ficou mais tempo no porta-moedas do que nunca antes. Entretanto, já podemos pagar outra vez em numerário sem que a operadora da caixa se encolha, como se a nota de dez que lhe estendemos estivesse a escaldar. Mas alguns medos de contacto permaneceram: por

exemplo, estender o compartimento das moedas para receber o troco que depois tilinta confiantemente ao cair dentro do porta-moedas. Em certa medida, é um som mais simpático do que antes e é também mais higiénico do que a passagem entre duas suadas e quentes mãos de Agosto. É claro que, por vezes, o gesto parece-nos um pouco como a colecta com o saquinho das esmolas na igreja. Mas também o podemos encarar como um gesto de libertação: verificar o troco? Há coisas mais importantes em que pensar num dia de Verão de 2020 junto ao lago. *Anne Goebel*

### **Abre a janela!**

Antigamente, aquelas pessoas que abriam janelas em todo o lado eram rapidamente catalogadas de fanáticas do ar fresco, o que não era necessariamente um elogio. O fanático do ar fresco, pelo menos segundo o cliché, gostava de andar por aí descalço para sentir a mãe-terra, mesmo no Inverno. Ou então comia pão integral que, para ele, nunca era suficientemente granuloso. Tinha o seu quê de objector da civilização e, quase sempre, havia alguém que se queixava de que estava demasiado frio ou demasiado calor. Ou a pessoa cujas janelas eram abertas pensava: cheira assim tão mal em minha casa? Agora, graças ao [coronavírus](#) e aos aerossóis em que poderá estar escondido deseja-se absolutamente uma constante circulação de ar fresco em todos os espaços e quem objectar é um potencial risco para a saúde pública. Arejar, arejar, arejar! O fanático do ar fresco foi totalmente reabilitado. *Jan Kedves*

Artigo original: <https://www.sueddeutsche.de/leben/corona-verhalten-neu-1.4997239>

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes